



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM DANÇA

LIS MARIA SABINO SILVA

**CARTAS DE UMA TRAVESTI: VOGUE FEMME, DANÇA E FEMINILIDADE**

JOÃO PESSOA

2024

LIS MARIA SABINO SILVA

**CARTAS DE UMA TRAVESTI: VOGUE FEMME, DANÇA E FEMINILIDADE**

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado(a) em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Victor Hugo Neves de Oliveira

JOÃO PESSOA

2024

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S586c Silva, Lis Maria Sabino.

Cartas de uma travesti: vogue femme, dança e feminilidade / Lis Maria Sabino Silva. - João Pessoa, 2024.

41 f. : il.

Orientação: Victor Hugo Neves de Oliveira.  
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Dança (Licenciatura) - TCC. 2. Cultura Ballroom.  
3. Dança - Travestilidade. 4. Voguing. I. Oliveira,  
Victor Hugo Neves de. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 793.3(043.2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

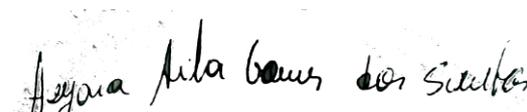
ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No quinto dia do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e quatro, junto ao Departamento de Artes Cênicas, Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, realizou-se em ambiente virtual através de leitura e pareceres emitidos pela banca avaliadora, a defesa do trabalho intitulado **CARTAS DE UMA TRAVESTI: VOGUE FEMME, DANÇA E FEMINILIDADE** no Departamento de Artes Cênicas da UFPB, apresentado pela estudante Lis Maria Sabino Silva, habilitação Licenciatura em Dança, e examinado pelas professoras Ayana Ayla Gomes dos Santos - Examinadora Externa (UFRPE); Whander Allípia - Examinadora Externa/Colaboradora de Orientação (UFU); Michelle Aparecida Gabrielli Boaventura - Examinadora Interna (UFPB) e pelo professor Victor Hugo Neves de Oliveira (Orientador - UFPB).

O referido trabalho foi considerado APROVADO, tendo obtido Nota – 10,0.

Na qualidade de presidente dos trabalhos, lavro esta Ata, da qual dou fé e subscrevo.

João Pessoa, 05 de novembro de 2024.

|  |  |
|--|--|
| <p>Documento assinado digitalmente<br/><b>gov.br</b> VICTOR HUGO NEVES DE OLIVEIRA<br/>Data: 07/11/2024 10:12:26-0300<br/>Verifique em <a href="https://validar.iti.gov.br">https://validar.iti.gov.br</a></p> | <p>Documento assinado digitalmente<br/><b>gov.br</b> WHANDER ALLÍPIA SULURICO SILVA<br/>Data: 07/11/2024 10:19:38-0300<br/>Verifique em <a href="https://validar.iti.gov.br">https://validar.iti.gov.br</a></p>          |
| <p>Victor Hugo Neves de Oliveira (UFPB)</p>  | <p>Whander Allípia (UFU)</p>   |
| <p><br/>Ayana Ayla Gomes dos Santos (UFRPE)</p>   | <p>Documento assinado digitalmente<br/><b>gov.br</b> MICHELLE APARECIDA GABRIELLI BOAVENTURA<br/>Data: 07/11/2024 15:19:56-0300<br/>Verifique em <a href="https://validar.iti.gov.br">https://validar.iti.gov.br</a></p> |
|  | <p>Michelle A. G. Boaventura (UFPB)</p>  |

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho a todas as travestis que vieram antes de mim, e a todas que continuarão escrevendo um futuro livre de travestifobia.

## AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo aos meus pais por possibilitarem que sua filha conclua o ensino superior, a primeira de seu núcleo familiar. Mamãe e papai, obrigada pelo seu amor e suporte, amo vocês.

Agradeço a todos os professores que cruzaram minha vida e me inspiram a seguir em frente e me tornar uma professora cada vez melhor.

Agradeço a meu professor e grande amigo Victor Oliveira, por ser um grande mestre e inspiração em minha vida, e especialmente por ter me apresentado a Whander, um verdadeiro presente falando e cor de rosa. Te amo.

Whander, sei nem como honrar tudo o que você fez por muito, sua existência me trouxe movimento e as trocas que tivemos ficarão aqui registradas. Minha orientadora, te amo demais.

Agradeço a minha comunidade e a Casa das Benvenutty por acreditarem e me darem força para seguir em frente. As minhas mães Ayira e Gabi, a minha filha Pandora e minhas irmãs e irmãos, Thalles, Bea, Michel, Merliah, Felipy, Maria, Sam, Renato, Mellyna e Rayo. Amo muito todos vocês.

Agradeço ao meu grande amor, Charles, por ser um parceiro incrível e por estar comigo nos melhores e piores dias.

Agradeço a minha irmã Lama, por ter pego na minha mão lá no começo e juntas estar trilhando nossa travestilidade.

Por fim, agradeço a todos que colaboraram de alguma forma para que possa concluir essa etapa de minha vida.

Enviadesci, enviadesci  
E agora macho alfa, não tem mais pra onde fugir  
Enviadesci, enviadesci  
Já quebrei o meu armário, agora eu vou te destruir  
Porque antes era viado  
Agora eu sou travesti

Linn da Quebrada

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso é desenvolvido enquanto uma pesquisa autoetnográfica, que conta a história de uma travesti e seus desafios enfrentados desde sua infância, acompanhando sua entrada na universidade e as dificuldades para concluir sua graduação. Ao falar sobre sua história, Lis Maria nos apresenta sua família biológica e a família que construiu enquanto comunidade na cultura *ballroom* paraibana na cidade de João Pessoa. Em cartas, Lis conversa sobre gênero, dança, performance e travestilidade, evidenciando a cultura *ballroom*, a dança e o *voguing* como fios condutores desta pesquisa.

**Palavras-chave:** cultura *ballroom*, dança, travestilidade, *voguing*.

## **ABSTRACT**

This course completion work is developed as an autoethnographic research, which tells the story of a travesti and the challenges she faced since her childhood, following her entry into university and the difficulties in completing her degree. When talking about her story, Lis Maria introduces us to her biological family and the family she built as a community in the ballroom culture of Paraíba in the city of João Pessoa. In letters, Lis talks about gender, dance, performance and travestilidade, highlighting ballroom culture, dance and voguing as guiding threads of this research.

**Keywords:** ballroom culture, dance, travestilidade, voguing.

# SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....                     | <b>11</b> |
| <b>2. CAPÍTULO 1</b> .....                    | <b>14</b> |
| <b>2.1</b> Pequena Lis .....                  | <b>14</b> |
| <b>2.2</b> Mamãe .....                        | <b>16</b> |
| <b>2.3</b> Papai .....                        | <b>18</b> |
| <b>2.4</b> Dança.....                         | <b>19</b> |
| <b>2.5</b> Byxa.....                          | <b>22</b> |
| <b>3. CAPÍTULO 2</b> .....                    | <b>23</b> |
| <b>3.1</b> Hormônios.....                     | <b>23</b> |
| <b>3.2</b> Cabelo.....                        | <b>26</b> |
| <b>3.4</b> Face.....                          | <b>27</b> |
| <b>3.4</b> Afeto TRANScentrado.....           | <b>28</b> |
| <b>3.5</b> Ayira e Gabi .....                 | <b>29</b> |
| <b>3.6</b> Pandora .....                      | <b>32</b> |
| <b>3.7</b> Travestifobia na Universidade..... | <b>33</b> |
| <b>4. CAPÍTULO 3</b> .....                    | <b>35</b> |
| <b>4.1</b> Professora Travesti.....           | <b>35</b> |
| <b>4.2</b> Vogue Femme .....                  | <b>38</b> |
| <b>4.3</b> Traviarcado.....                   | <b>40</b> |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....           | <b>40</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....       | <b>42</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

### Glossário da Lis

**Cultura *Ballroom*** – Movimento artístico/político que tem a finalidade de enaltecer corpos racializados e/ou dissidentes de gênero e sexualidade

***Ball*** – Evento festivo/competitivo que acontece dentro da cultura *ballroom*

**Category/Categoria** – Modalidade competitiva que são divididas em categorias de estéticas e categorias dançadas

***House/Casa*** – Coletivo de pessoas criado dentro da cultura *ballroom*

**Mother/Father** ou **Mãe/Pai** – Líderes da uma *House/Casa*

**Princess/Prince** ou **Princesa/Príncipe** – Braço direito das mães e pais de uma casa, atuam como lideranças de suas casas.

***Voguing*** – Estilo de dança que surge dentro da cultura *ballroom*

***Shade*** – Brincadeira em tom de gozação bastante utilizada em batalhas durante as *balls* ou entre amigos.

**Chuchu** – Pelos faciais/ Barba

**Neca** – Pênis

**Acué** – Dinheiro

**Mapô** – Mulher cisgênera

**Erê** – Criança

**Picumã** – Cabelo

É menino ou menina? Rosa ou azul? Balé ou futebol? Ainda vivemos em uma sociedade binária que nos sentencia a um gênero mesmo antes de nascermos, com base na genital que temos entre as pernas. Quando um médico aponta para uma tela e diz: “Parabéns, você está esperando um menino”, a sentença é dada. Uma sentença falha, que cria traumas e perpétua uma falsa ideia sobre o que seriam homens e mulheres. Pessoas trans e travestis são a prova viva do erro desse CISTema<sup>1</sup> (com c,i,s), que vem falhando há muito tempo. Ter o seu gênero

---

<sup>1</sup> Sistema está escrito com CIS para evidenciar a transfobia presente em nossa sociedade.

roubado de si é a realidade de inúmeras pessoas trans e travestis no mundo todo, e por muito tempo foi a minha. Durante 21 anos (sobre)vivi, presa em moldes cisgêneros, que apontavam como o minha corpa deveria ser e como deveria me expressar, até o dia em que entendo minha travestilidade e percebo que tenho toda uma comunidade que me apoia e pessoas que se tornariam minha família.

Atualmente com 26 anos, sinto que encontrei onde deveria estar. Tive inúmera travestis e mulheres trans que me ajudaram a ser quem sou hoje, muitas que vieram antes de mim, e muitas que caminham comigo lado a lado. A palavra comunidade ganhou significado depois que encontrei a Cultura *Ballroom*, um local de acolhimento e exaltação, principalmente para pessoas pretas, trans e travestis.

Na década de 1920, bailes de máscaras começaram a se popularizar no bairro de Harlem, em Nova Iorque. Esses bailes, por mais que não fossem explicitamente voltados para a população LGBTQIA+, era composto majoritariamente por pessoas dessas comunidade. Tais bailes ficaram conhecidos pelas *Drag Queens*<sup>2</sup> que iam para competir em concursos de beleza. Eram um ambientes bastante embranquecidos, causando certo desconforto em pessoas pretas e latinas que frequentavam tais bailes na época.

A década de 1960 figura como o momento em que a cultura dos *Ballrooms* como a enfocada aqui começou a se moldar e um dos grandes motivos reside nos embates raciais que figuravam nesses grandes bailes de *drag*. Como já explicitado por Hughes (1993), a presença de brancos nesses bailes era grande e, apesar de uma integração até que notável, principalmente pelo contexto social e político da época em relação às questões raciais, os participantes negros que quisessem uma chance real de ganhar em alguma das categorias, deveriam “branquear” sua aparência e, mesmo assim, raramente conseguiam levar o prêmio da noite. Sendo assim, iniciaram-se os bailes organizados pelos e para os próprios participantes negros, o que em um processo gradual de transformações e novas práticas, tornou-se a cultura dos *Ballrooms*. (Santos, 2018, p. 16-17)

A Cultura *Ballroom* surge por volta de 1960, também no bairro do Harlem, em Nova Iorque nos Estados Unidos, quando a mulher trans e *drag queen* Crystal Labeija se revolta com a estrutura racista dos bailes que frequentava na época. A partir de sua indignação, surge o movimento artístico/político denominado de Cultura *Ballroom*. Junior (2019), artista pesquisadora e *Mother* da kiki House of Lanceira, fala sobre a importância das *femme queens* para a Cultura *Ballroom*.

---

<sup>2</sup> Tipo de arte onde quem pratica se veste de forma exagerada/dramática, ou não. Consiste em incorporar uma personagem feminina, utilizando roupas, maquiagens, perucas e acessórios para dar vida a sua persona.

É impossível falar sobre a Ballroom sem enaltecer as Femme Queens, que nada mais são do que as figuras maternas que originaram todo este movimento, Mulheres Transexuais e Travestis. Estas Rainhas por diversas vezes acolheram homens e mulheres homossexuais que foram abandonadas pela família ou que nem sequer tiveram a oportunidade de conhecê-la. Gays que descobriram o HIV e pessoas que viviam em penitenciárias são outros sujeitos que simbolizam a resiliência deste público. Também houve um significativo acolhimento por parte das Drag Queens. La Beija foi uma figura importante no pontapé inicial da Cultura Ballroom, pois estava cansada da exclusão mediante o racismo que vivenciava nos concursos Drag que enxergavam apenas a estética branca como plausível no meio LGBTQ. Entretanto, é válido lembrar que as pessoas precursoras deste movimento eram negras, latinas e periféricas. (Marco Junior, 2019, p. 11)

Hoje em dia a Cultura *Ballroom* alcançou diversos continentes, como Europa, América do Sul e Ásia, e nela existem as *balls*, ou bailes, que são eventos festivos onde as pessoas podem competir em várias categorias estéticas, como *runway*, *face*, *realness*, e as categorias dançadas de *voguing*. Para identidades transfemininas<sup>3</sup>, ter um local seguro onde possam se expressar livremente, longe de violências e julgamentos, é de extrema importância.

A partir da Cultura *Ballroom* eu conheci o *vogue femme*, uma dança criada por travestis e mulheres trans, que exalta a feminilidade. Ao dançar *vogue femme* senti uma enorme conexão comigo mesma, pude liberar toda a feminilidade presente em minha corpa, que por muitos anos de minha teve que ser retraída. O *vogue femme* é uma das formas do *voguing*, e sua técnica é composta de cinco elementos: *Catwalk*, *Duckwalk*, *Hands Performance*, *Floor Performance* e *Spins and Dips*.

No *vogue femme*, os cinco elementos do *voguing* exaltam a corporalidade de travestis, mulheres trans e corpos transfemininas. O *Catwalk* por exemplo, exalta o quadril, *hands performance* dá foco nas mãos, onde muitas mulheres trans e travestis exibem suas longas unhas de gel trabalhando bastante a região do punho, que muitas vezes é enrijecida em corpos transfemininas. O *Floor Performance* é um elemento onde você pode servir sensualidade, criando diversas poses no chão que exaltem sua feminilidade. Ao ter contato com essa dança, pude experimentar minha corpa de uma forma que era nova para mim, pois durante muito tempo fui obrigada a retrainar minha feminilidade devido a um gênero que me foi imposto, tentava a todo custo ter “jeito de homem”, colocando minha feminilidade em um lugar de culpa. Através do *voguing*, pude acessar minha feminilidade e enxergá-la como potência. A partir daí, enquanto uma estudante do curso de licenciatura em dança, surge o interesse de compartilhar sobre a minha vivência com o *vogue femme* e dialogar com a performance de travestis que já caminharam na categoria *vogue femme* dentro Cultura *Ballroom* paraibana, na cidade de João

---

<sup>3</sup> Identidades de gênero que se encontram na feminilidade, estando dentro ou não de uma mulheridade.

Pessoa. Através de entrevistas também conto a história de Luna, Ayira, Puma, Ebony e Odara, travestis que carrego comigo durante minha caminhada.

A Cultura Ballroom, tornou-se um espaço de pertencimento em que as pessoas desobedientes de raça, gênero, sexualidade y classe poderiam y devem performar outras realidades, construindo afetividades, identidades, epistemologias, políticas y, competições próprias para as corpos, corpes y, corpos que participam da comunidade. Isso significa que as discussões que perpassam as relações étnico-raciais, acesso à saúde, políticas sociais y educacionais, empregabilidade, gênero, classe y sexualidade, discurso, artes y poéticas entre outros, compõem a Cultura Ballroom fazendo com que ela seja mais que somente uma competição. (Sulurico, 2024, p. 3)

Nesse trabalho de conclusão de curso deixo minhas memórias e denuncio as violências CISTêmicas cometidas contra minha corpa, fora e dentro da universidade. Através de cartas, me mostro vulnerável, e converso sobre dança, gênero, travestilidade, performance, comunidade, universidade e travestifobias. Espero que quem estiver lendo, me conheça, conheça minhas mães, irmãs, filhas... e aproveite.

ELA TÁ PUTA, É BEVENUTA,

ELA TÁ PUTA, É BEVENUTA,

BE – BE – BE – BE – BE... BENVENUTTY!

NO FUCKING SHAY!

## 2 CAPÍTULO 1

### 2.1 Pequena Lis

Olá pequena, hoje nosso nome é Lis. Lis Maria. Talvez tenhamos nos tornado aquilo que sempre sonhamos. O feminino sempre nos fascinou, minhas memórias mais vívidas de infância são de quando estávamos performando feminilidade, como quando mamãe entrou no nosso quarto as 23:00 e nos pegou usando uma tiara da nossa irmã, a gente estava se olhando no espelho, encantadas, aos três anos de idade. Lembro que nessa época não nos sentimos exatamente culpadas por sermos “pega”, um “menino” usando algo de “menina”. Nem mamãe fez muito alarde na época, futuramente ela me contou que não se importou muito ao ver o seu então “filho”, nascido com uma neca, usar tiara, pois nós ainda eramos muito novas, tínhamos 3 anos de idade. “Afim, quando as crianças são muito novas, não sabem direito o que estão fazendo, né?” Frase que já ouvimos inúmeras vezes durando nossa infância. O peso da sociedade cis-heteronormativa só foi cair nos nossos ombros anos depois, quando não podíamos mais desmunhecar, quando tivemos que tomar “jeito de homem”.

Assistir personagens em desenhos/animés como Sakura, Mulher Maravilha, Mulher Gato, Três Espiãs Demais, Kim Possible, Katara, nos davam uma fuga da realidade, onde eu me imaginava como uma figura feminina superpoderosa, capaz de tudo. Passamos horas em frente à televisão assistindo a essas personagens, quando nos perguntavam quem queríamos ser, respondíamos Naruto, Goku, Batman, mas secretamente, sonhávamos em ser como as personagens femininas. Lembra da feiticeira que jogávamos em Perfect World? Naquele jogo de MMORPG<sup>4</sup> podíamos ser uma figura feminina online, livre de nossa identidade masculina imposta, um mundo virtual onde nós perdíamos a vontade. E assim fomos construindo a nossa feminilidade, imitando aquelas movimentações que víamos pela tela da TV/computador, sem que ninguém soubesse, estávamos hackeando o CISTema. Sabia que hoje em dia somos uma artista da dança? Pois é, dançamos muito bem, fico pensando que quando eu danço, hoje em dia, carrego um pouco da magia da nossa infância, as movimentações que imitávamos quando crianças, hoje estão presentes em minha corporalidade quando danço. Somos sensuais igual a mulher gato, rápidas igual a Kim Possible, deslumbrantes que nem as Três Espiãs Demais e fortes como a Sakura. Ao chegar na adolescência, comecei a pesquisar o que era uma pessoa trans, uma travesti, e descobri que haviam bloqueadores de testosterona e hormônios que nos prometiam chegar perto do tão sonhado corpo feminino, que significava não ter muitos pelos no corpo, uma cintura marcada, seios, uma pele macia e tudo que reafirmava numa sociedade binária o que é ser uma corpa feminina. A pesquisadora Letícia Nascimento, mulher travesti, discorre como é se sentir uma mulher transexual/travesti no início de seu livro *Transfeminismo* (2021).

A interrogação de se nós mulheres transexuais e travestis, somos ou não mulheres, é um martelar constante, dúvida produzida pelo não enquadramento de nossas experiências dentro do CISTema colonial moderno de gênero. Por um lado, como mulheres transexuais e travestis, podemos ter tido a infância roubada – ao menos muitas de nós, já que nossas realidades são diversas. A vigilância binária dos gêneros produz violências constantes, tratando de impedir que crianças transfemininas tenham uma infância livre, dado o sentimento de não pertencimento ao domínio socialmente estabelecido pelo masculino – ou feminino, no caso das infâncias transmasculinas. (Nascimento, 2021, p. 17, 18)

A ideia de que fomos uma criança transviada<sup>5</sup> me conforta, entender que desde sempre habitamos a feminilidade. Nascemos com uma sentença entre as pernas, uma neca, nosso sexo “biológico” identificava qual gênero binário (homem – mulher) deveríamos nos encaixar e que padrões deveríamos seguir em uma sociedade que separa gênero baseado em seu genital. Eu

<sup>4</sup> MMORPG: Massive Multiplayer Online Role-Playing Game. Jogo online capaz de suportar uma grande quantidade de jogadores.

<sup>5</sup> Criança transvestigênera que em algum momento acreditou se identificar enquanto um homem gay.

sempre soube nós não éramos homem, a ideia de pertencer a tal identidade sempre me pareceu um fingimento, eu fingia o tempo todo, você sabe bem. Afinal de contas, não existe nada de biológico em nosso sexo, minha neca não é masculina, e eu queria te dizer, pequena Lis, que nós somos **BIOLOGICAMENTE TRAVESTI**. Essa ideia de órgão reprodutor masculino e feminino não passa de uma mentira que nos foi contada na aula de ciências no ensino fundamental, pois se nossa identidade de gênero é construída culturalmente e socialmente, a ideia de sexo biológico masculino e feminino também é. Alguém lá atrás, se utilizando da ciência, criou inverdades que são propagadas até hoje, de que ter uma neca significa ser um homem, e uma vagina, uma mulher. Por muito tempo não gostamos da nossa genital, achávamos que tinha algum problema conosco, que aquele órgão não deveria estar ali, pois ele nos lembrava o tempo todo de gênero que fomos enquadradas ao nascer. Essa sentença que recebemos é falha, e hoje eu sei que não estamos “no corpo errado”, estamos no nossa **CORPA**, que construímos com muito cuidado e carinho. Quero te dizer Lis, que hoje eu me amo, eu te amo. Letícia Nascimento (2021) traz reflexões importantes sobre sexo biológico.

[...] são as relações de poder que vão determinar uma verdade sobre um corpo sexuado, fixando a diferenciação sexual binária como uma condição anterior a fabricação do gênero. Deflagar esses modos de produção nos leva à compreensão de que o sexo também é discursivo, cultural e histórico, assim como o gênero, e principalmente que o gênero é o próprio dispositivo de produção do sexo. O sexo não é anatômico, hormonal, cromossômico, pois essa suposta natureza é discursivamente construída pela cientificidade médica. Os modos como as funções reprodutivas são desenvolvidas são eminentemente culturais, e seu uso como justificativa para o binarismo congruente entre sexo/gênero também é político. (Nascimento, 2021, p. 95)

Eu sei que no momento as coisas podem estar um pouco confusas, espero que essa carta ajude a acalmar seus pensamentos e te dar um pouco de conforto, sei que nossos pais não estão te acolhendo como deveria, mas queria te dizer que as coisas vão melhorar, eles vão te entender e ter muito orgulho de você. No fim, a gente soube se virar, criamos nosso mundo particular onde a Lis sempre existiu. Me lembro até hoje de um sonho que tivemos, acho que tínhamos 12 anos na época, sonhamos que éramos uma figura feminina alta, de cabelo grande e cacheado, dançarina e que morava em Paris. Não moramos em Paris ainda, mas somos tudo o que sonhamos.

Com amor, Lis.

## **2.2 Mamãe**

Mamãe, você lembra que eu sempre gostei de dançar? Era um dos únicos momentos em que eu podia expressar minha feminilidade sem ser julgada, e eu era boa nisso. Durante minha infância, dançava nos eventos escolares, nas festinhas de aniversário dos meus amigos e em

toda oportunidade que eu tinha. Lembra do meu aniversário de 8 anos? Eu estava viciada em um CD de Parangolé<sup>6</sup> que tocou durante toda a festa, eu amava pagode baiano pois via que os homens dançavam utilizando o quadril, e nesse dia eu lembro que rebolei muito, estava tão feliz. Quando chego na adolescência e me deparo com uma pressão maior de desempenhar o papel de gênero que me foi sentenciado, acabei reprimindo a dança e só fui redescobri-la um pouco mais tarde, perto do fim do meu ensino médio, quando comecei a fazer aulas de dança contemporânea na unidade do SESC em Goiana – PE. Nunca tinha tido a oportunidade de fazer aulas de dança, algumas vezes já tinha sido reprimida por papai quando ele descobriu que fazia algumas coreografias das aberturas dos jogos escolares, então nunca tinha tido coragem de pedir para fazer aulas de dança durante a infância. E escrevendo aqui, me lembrei que foi ele que me levou para fazer a matrícula no curso de dança contemporânea, pois na época eu era menor de idade e precisava ser acompanhada de um responsável para conseguir me matricular no curso, irônico não? A dança contemporânea, cheia de indagações e mistérios, me fez questionar o quanto tentavam controlar o meu corpo. Se eu era naturalmente feminina, o que tinha de errado com isso? Nessa época, com 17 anos, já tinha me assumido um “homem gay”, não, na verdade tinha me assumido BYXA, acredito que antes de ser travesti, fui muito byxa. Eu não era uma gayzinha que passava despercebida, fazia questão de aparecer, nem que precisasse sair com uma roupa escondida por baixo de outra, para que você e papai não descobrissem que seu “filho” estava usando shortinho e cropped. Papai falava: “tudo bem você ser gay, mas não precisa ser afeminado, né?”. Doía nele ver que eu não era simplesmente um gay, era uma byxona mesmo, e ser bixa foi muito importante para mim, pois era como conseguia expressar minha feminilidade sem o peso de “ser uma mulher”. Nessa época me assustava muito a possibilidade de me assumir travesti, então me contentava em ser byxa.

Ao ser aprovada no curso de licenciatura em dança da UFPB, tive a chance de sair de casa e me mudar para João Pessoa - Paraíba. Ao sair de Goiana, uma cidade do interior de Pernambuco onde vivi dos meus 12 aos 18 anos, tive a possibilidade de ir me experimentando, usar uma saia se eu quisesse, um batom, coisas simples que foram revelando quem eu realmente era. Fui descobrindo João Pessoa, onde tudo era mais movimentado e com mais cor, e acabei encontrando Nat, uma travesti. Ao ver Nat pela primeira vez, fiquei FASCINADA, ela era tão feminina e livre, e não se dizia mulher, se dizia T-R-A-V-E-S-T-I. Essa palavra me desceu gostosa pela garganta ao pronunciei-a e me abraçou de uma forma aconchegante, que ela nunca mais saiu de mim. A mulheridade sempre me atraiu, mas eu nunca me senti uma mulher, sempre

---

<sup>6</sup> Banda de pagode baiano formada em 1997.

soube que não era um homem, porém o oposto disso também não me agradava, eram apenas mais padrões que deveria seguir, como fala a multiartista Linn da Quebrada: “Não sou homem nem mulher, sou travesti.” Ao descobrir a travestilidade, pude me encontrar, e não tinha mais para onde fugir, as dúvidas, medos e barreiras construídas ao longo da minha vida foram sendo derrubadas, demolidas, e dos escombros surgiu Lis, uma travesti. Segundo a pesquisadora Letícia Nascimento, a travestilidade pode ser entendida como um gênero originário ou um terceiro gênero. “(...) entende-se a travestigeneridade como gênero originário, no sentido de ser um gênero próprio, um gênero em si, para além do binarismo homem e mulher – as travestigeneridades apresentam-se como mais um gênero, ou um terceiro gênero.” (Nascimento, 2021, p. 53)

Maria Felismina de Souza. Betânia Maria Sabino da Silva. Lis Maria Sabino Silva. Eu carrego a senhora é vovô comigo para sempre, mais uma Maria. A mulheridade de vocês sempre me inspiração para mim, e hoje compartilho momentos únicos de feminilidade com você, que eu sempre quis ter quando criança. De certas formas sempre tivemos, sou ligada a você mais do que ninguém. Você diz que sempre soube da minha travestilidade, e como não foi fácil para mim, sei que não foi para você, mas que bom que escolhemos continuar nos amando.

Com amor, Lis.

### **2.3 Papai**

Oi papai, fico muito feliz pela relação que fomos construindo ao longo dos últimos anos. Sei que já nos magoamos muito, mas saiba que hoje está tudo bem, não estamos 100%, mas estamos bem. Eu sei que você não teve um pai tão afetuoso quanto eu tive, isso foi algo que sempre admirei em você, a sua forma de demonstrar carinho. Lembro de quando era adolescente e você vinha me dar um beijo na bochecha em público, notava as pessoas incomodadas observando um homem de 40 e poucos anos, dando um beijo em um adolescente, você nunca se importou com os olhares, estava apenas beijando o seu “filho”.

Tanto eu quanto você mudamos ao longo dos anos, sei que ter uma filha travesti te transformou enquanto pessoa. Não o culpo mais pelos meus traumas de infância, e sim o CISTema, culpo a travestibofia que é passada de geração em geração. Finalmente conseguimos quebrar esse ciclo de violência, e hoje te escuto falar o quão orgulhoso você é de sua filha.

Hoje me permito ser a garotinha do papai, e sei que sempre posso te chamar quando estiver precisando de aulas de direção, desentupir uma pia, matar uma barata ou furar uma

parede de casa. Quando passei para cursar licenciatura em dança na UFPB, você estava desempregado e utilizou uma parte do seu dinheiro para comprar uma bicicleta, um fogão e uma geladeira para que eu pudesse ter o mínimo de conforto morando numa residência universitária. Inúmeras vezes eu te liguei quando estava depressiva e solitária morando em João Pessoa, e você sempre aparecia em um piscar de olhos para me buscar e me tirar um pouco da minha tristeza. Você sempre fez de tudo por mim, e não adianta negar, eu sei que os pais querem o último pedaço de pizza, me pergunto quantas vezes você esqueceu de si mesmo para criar duas filhas. Saiba que ao me formar, estarei conquistando isso graças a você.

Com amor, Lis.

## **2.4 Dança**

Olá dança, queria começar dizendo que eu te amo tanto quanto te odeio, acho que é verdade quando falam que amor e ódio andam juntos. Eu sempre fui boa dançando, não querendo me gabar, mas essa travesti aqui já nasceu com um molejo. Frequentemente me destacava durante as apresentações que aconteciam nas escolas que frequentei, sejam apresentações de dia as mães, dia do meio ambiente, São João, show de talentos, etc. Todas as oportunidades que tinha de dançar, eu abraçava, sempre gostei de movimentar minha corpa, porém não tive a oportunidade fazer aulas de dança quando era pequena.

Aos 17 anos, comecei a fazer aulas de dança contemporânea na unidade do SESC em Goiana – PE, cidade que residia na época. Estava no terceiro ano do ensino médio e queria cursar psicologia. Lembro de estar muito ansiosa e estressada com o ENEM que aconteceria no final do ano, então decidi começar alguma aula de dança, não sabia qual, eu só queria dançar. Fui no SESC acompanhada do meu pai na época, pois era menor de idade e precisava de sua ajuda para realizar a matrícula. Ao chegar lá, descobri que tinham aulas de dança contemporânea. O que era aquilo? Não fazia a mínima ideia, a simples ideia de dançar duas vezes na semana já me deixou animada, as aulas aconteciam nas segundas e quartas. Fiz a matrícula e fui ver a aula que estava acontecendo no dia, era uma quarta feira. Como tinha ido de calças jeans, não pude fazer a aula, o dress code exigido eram roupas largas e que permitissem a mobilidade. Conversei com a professora responsável pelas aulas, Stefany Ribeiro, que me disse que não tinha sido informada que as matrículas ainda estavam abertas e que não estava recebendo novos alunos, mas como eu já tinha me matriculado, e ficou por assim mesmo. Falei que estava muito interessada e que iria me esforçar.

A dança contemporânea me mostrou um novo mundo de possibilidades, segundo as “regras”, não tinha um jeito certo de se dançar, cada um podia se movimentar como quisesse nos momentos de experimentação, que eram muitos. As aulas eram diversificadas, mas bem regradadas. Stefany sabia ser aquela típica professora durona da dança, confesso que em algumas vezes quase me fez chorar. Exercícios de alongamento, fortalecimento, balé, barra solo, balanço, *floor work*, coreografias, cada vez ficava mais encantada com tudo que aprendia.

Mas quanto mais me encantada ficava, mais eu me cobrava, sempre me cobrei (traço tóxico que carrego até hoje). A verdade era que me ressentia por ter começado a dançar “tarde demais”. Sentia inveja das mapô que os pais enfiaram numa aula de ballet aos 4 anos de idade e que eram super flexíveis, meninas que sempre puderam viver no seu mundo dançante cor de rosa, enquanto eu tinha que dançar o CD de Floribella<sup>7</sup> escondida no meu quarto. Entendia minha corpa, que só pude começar a dançar aos 17 anos de idade depois de ter enfrentado meus pais e assumido minimamente o controle da minha corpa, mas no fundo eu me ressentia, e tentava buscar algo que ainda não sabia o que era. Força? Resistência? Flexibilidade? Com 17 anos e eu já me achava velha, a Lis de 26 anos que se entope de bloqueador de testosterona e no momento não aguenta fazer 10 flexões, acha isso uma graça.

Após iniciar as aulas de dança no fim do meu ensino médio, foi que decidi cursar licenciatura em dança. Antes de ingressar no curso de licenciatura em dança da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde ingressei pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU) pensei em fazer dança na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Na época o curso tinha um vestibular, onde eu precisava fazer dois dias de prova prática e passar por uma entrevista. Lembro de me sentir muito insegura naquela época, pois fazia somente um ano que tinha começado a fazer aulas de dança.

Tive boas experiências através do curso, uma das mais marcantes foi a minha participação dentro do Coletivo Redemoinho De Dança, um projeto de extensão coordenado pela Dr. Prof. Victor Hugo, professor do departamento de artes cênicas, que contava com a participação dos alunos do curso de licenciatura em dança, e alunos do curso de licenciatura e bacharel em teatro. Foi através de Coletivo Redemoinho que pude ir investigando a minha corpa cada vez mais, mergulhando dentro de mim, do que produzia com minha corporalidade. Entrei para o coletivo em 2019 e permaneci até o ano de 2022. Em 2019, o coletivo começou a produzir uma performance/espetáculo denominada “Se a carapuça servir”, composta por cinco

---

<sup>7</sup> Telenovela que foi ao ar no ano de 2005.

interpretes/criadores. Uma mulher cisgênera negra heterossexual, uma mulher cisgênera branca bissexual, um homem cisgênero negro homossexual, um homem cisgênero branco homossexual e eu, uma travesti branca bissexual. A performance/espetáculo falava sobre as violências que cada interprete/criador passou ao longo de sua vida devido a sua cor e/ou sexualidade e gênero. No início do processo criativo, ainda não tinha me entendido enquanto uma travesti, e quando Victor (diretor e coreografo da obra) me perguntou sobre o que eu queria falar em cena, respondi que queria comunicar sobre a feminilidade por muito tempo me foi podada. Ao longo do processo criativo, percebi que minha vivência não falava sobre homofobia, e sim sobre TRAVESTIFOBIA. Percebi que minha feminilidade era podada não por ser um homem cisgênero e gay, mas sim, uma travesti.

Em 2020, com 21 anos, descobri uma dança chamada *vogue femme*, essa técnica de dança foi criada por travestis e mulheres trans e surge dentro da Cultura *Ballroom*, ou Cultura de Baile. Já tinha visto esboços de alguns passos de *voguing* durante *lipysyncs* do *reality show* norte americano *Rupaul's Drag Race*. Pouco tempo depois que descobri essa dança, e em fevereiro daquele ano, apareceu uma oficina de *vogue femme* gratuita dada por Yan/Yalla 007, uma pessoa transmasculina que faz parte da cena *ballroom* de Brasília. A oficina era voltada para pessoas trans, e na época, eu tinha acabado de me entender enquanto uma pessoa não binária. Lembro que me perguntei várias vezes se eu realmente poderia participar daquela oficina, pois não em sentia “trans o suficiente”, ainda estava no processo de entender minha travestilidade. Na época já tinha entendido que não era um homem cisgênero e gay, mas não tinha certeza de minha identidade, ou tinha medo demais de abraça-la por completo. Após a oficina, tive cada vez mais certeza.

Ao fazer os passos de *vogue femme*, pude sentir que eles se encaixavam perfeitamente no meu corpo, os movimentos fluíam e a feminilidade que por muito tempo foi contida, era liberada e exaltada a cada passo. Fui descobrindo os cinco elementos e me deliciando ao praticar cada um deles. O *catwalk*, um dos elementos, que consiste em se locomover na ponta dos pés dando ênfase no quadril, nos braços e nas mãos, foi o que mais me identifiquei de início. Meu quadril é uma região que por muito tempo esteve sempre sendo vigiada ao andar na rua ou dançar numa festa, não tinha liberdade para movimenta-lo. Poder sentir aquela área de minha corpa em movimento parecia como uma fantasia, um sonho de criança.

Pouco tempo depois, em março, pude fazer outra oficina de *vogue femme*, com a Pioneira *Mother Yagaga Kengaral*, uma travesti que começou a desenvolver a cena *ballroom* no estado do Ceará e que estava em João Pessoa para ser jurada de uma *ball* que aconteceria

nos próximos dias. No início da oficina, quando Yagaga perguntou se os participantes da oficina já tinham algum conhecimento sobre *vogue femme* ou se já tinha ouvido falar sobre, respondi que tinha conhecido através do reality show *Rupaul's Drag Race*, lembro exatamente as palavras que ela proferiu depois: “Agora você vai conhecer *voguing* através de uma travesti.” Ao final da aula, eu já não tinha mais dúvidas sobre minha travestilidade, eu era Lis, uma TRAVESTI.

Com amor, Lis.

## 2.5 Byxa<sup>8</sup>

Olá ~~Leonardo~~, soube que você acabou de entrar na universidade, parabéns pela conquista, tas<sup>9</sup> uma byxa novinha hein, que inveja da sua flexibilidade. Estou te escrevendo de um futuro não tão distante, hoje nosso nome é Lis, estamos quase nos formando, demorou apenas uns 6 anos e alguns meses. Eu sei que pode parecer muito, mas você vai enfrentar tanta coisa nesse tempo, de forma resumida vou te dar alguns *spoilers*<sup>10</sup>: você vai conseguir sair do sofá do nosso tio e dividir quarto com um grande amigo na residência universitária, vai desbravar João Pessoa e fazer novos amigos que irão se tornar nossa família, vai descobrir a depressão e a ansiedade (esse último você sempre soube né), vai passar por uma pandemia mundial e vai se sentir muito sozinha e assustada, vai fazer florescer a travesti que sempre esteve dentro de nós e vai modificar o seu corpo, descobrir novos prazeres, amores e decepções, nesse processo você vai se sentir sexualizada, usada, e por fim, vai ~~so~~REVIVER.

Achei que para ser a travesti que sou hoje precisava te esquecer, quis esquecer que já “fomos” homem um dia, queria esquecer o quanto os nossos pais nos magoaram, as inúmeras vezes que nos mandaram tomar “jeito de homem”. O nome que recebemos ao nascer, hoje em dia é nosso nome morto. Morto. Eu matei o ~~Leonardo~~? A byxona que eu fui, está morta? Whander Allípia, ByxaTravesty e minha orientadora, ao ler esse texto, me questionou se eu deixei de ser byxa. Quando li um de seus artigos, BYXAGOGIAS CÊNICAS Y IDENTITÁRIAS: Tecnologia Travesty confeccionada na Cultura Ballroom – Runway y Realnees (2024) me senti contemplada e percebi que continuo uma byxona.

---

<sup>8</sup> Escrevo bicha com Y e X para marcar o quão byxas brasileiras fogem a norma e são linha de frente no combate as violências de gênero e sexualidade.

<sup>9</sup> Forma que os pernambucanos falam “ta”.

<sup>10</sup> Informação importante sobre uma história, seja de um livro, filme, série televisiva, etc.

Na impossibilidade de ser y estar humana, engendramos mais do que feminilidades, arquitetamos byxalidades y travestylidades que proliferam de nossas artificialidades y das pretas pregas do magnífico cu. Portanto, ao articular a existência dessas sujeitas na contemporaneidade, é de extrema importância acionar as epistemologias y políticas dos afrotransfeminismos, na tentativa falha de compreender a fabricação dessas experiências nas feminilidades y como elas geram a partir da passividade anal y vital suas byxalidades y travestylidades. “Nossos corpos se materializam em formas diversas de feminilidades – não há essa pretensa natureza feminina que nos define, como entendem as feministas radicais” (Nascimento, 2021 p.41). (Sulurico, 2024, p. 5)

Esse artigo me fez perceber os inúmeros processos de fabricação da nossa corpa até hoje. Se com 20 anos você se sente velha por ter começado a dançar aos 17, não imagina as inúmeras Byxagogias (Sulurico, 2024) confeccionadas até então, queria que você entendesse que não é só mais uma no mundo da dança, e sim, você. É ser y estar a própria fracassa de sua existência. Será para sempre tratada como desviante, pois a realidade que ela performa y experimenta não se limita nas designações das estruturas estruturantes. (Sulurico,P. 10, 2024) Rasgamos nossa virilha em chãos de tablado para podermos sermos aceitas, da mesma forma que rasgamos nosso cu com cismasculinidades<sup>11</sup> no pensamento falho ao performar uma feminilidade frágil para nos encaixar. Eu deixei de ser bixa? Todas as versões que eu fui, se apagaram para que a Lis travesti pudesse existir? Hoje em dia, depois de 5 anos sendo a travesti que sempre quisemos ser, olho com carinho para o nosso passado, pois entendo que para a Lis existir, foi necessária toda uma caminhada, que gerou potentes processos de ensino-aprendizagem que desejo compartilhar durante nossa jornada.

Com amor, Lis.

## 3 CAPÍTULO 2

### 3.1 Hormônios

“Hormônio é como alimento para travesti”. Começo essa carta com uma fala da atriz, diretora e ativista, Renata Carvalho, em sua peça “Manifesto Transpofágico”<sup>12</sup>. Essa carta está sendo um pouco difícil de escrever, pois a relação que tenho com minha corpa nem sempre foi fácil. Quando lembro de minha infância transviada, não me recordo de inseguranças, estava preocupada demais desejando vestidos, bonecas e qualquer coisa que fosse cor de rosa. Com o passar do tempo, percebi que meu corpo não estava se desenvolvendo da forma que desejava. Pelos começaram a crescer nas minhas axilas, pernas, braços e por fim, foi tomando conta do meu rosto. Como falavam meus tios e tias: “Léo agora esta um rapazinho.” Olhar no espelho e

<sup>11</sup> Cis vem como prefixo para localizar masculinidades construídas pela cisgeneridade.

<sup>12</sup> Peça teatral que denúncia as violências sistêmicas enfrentadas por uma corpa travesti.

ver que meus familiares estavam “certos”, me causava certo incômodo. Bermudas, calças, camisas polos, contornavam minha corpa de um jeito que não me satisfazia.

Sou geminiana com lua e ascendente em sagitário, fogo com ar, ou seja, uma explosão. Sou conhecida por ser animada e alto astral, mas fui uma adolescente tão apática. Observava outros adolescentes cisgêneros redescobrimo os seus corpos, vivendo a intensidade dos hormônios, enquanto eu só queria sumir. Com 15 anos eu já tinha 1,80 de altura, o que me impedia de me esconder, então ia me curvando. Minha mãe sempre falava: “Ajeita essa postura ~~menino!~~”. Com 16 anos já não aguentava tantos pelos no meu corpo, então pegava escondida a maquina de cortar cabelo do meu pai e passava no corpo inteiro, sabia que meus pais brigariam comigo no dia seguinte, na época, segundo eles meninos não deveriam se depilar, era coisa de metrossexual<sup>13</sup>. Escutava as reclamações calada, feliz que por alguns dias seria mais fácil de me olhar no espelho.

Quando deixei meu cabelo crescer, a relação com minha corpa foi melhorando, pois agora tinha algo de “feminino” em mim. Não vou falar sobre meu cabelo agora, pois acho que esse picumã merece uma carta só sua. Ainda na adolescência com a ajuda do Google<sup>14</sup>, descobri sobre as travestis e mulheres trans que faziam o uso de hormônios e bloqueadores de testosterona para chegar no tão sonhado “corpo feminino”. Ao deitar na cama para dormir, pegava meu celular e ficava pesquisando sobre os hormônios e como eles funcionavam.

Anos se passaram, e no dia 06 de agosto de 2020, vocês chegaram. Meus queridos acetato de ciproterona e valerato de estradiol. Pensei muito antes de começar minha terapia hormonal, ao mesmo tempo em que vocês me seduziam, também me assustavam, mas fui, com medo mesmo. Nessa época morava na Residência Universitária da UFPB, estava acontecendo uma pandemia mundial e eu estava sozinha. Recebi algumas parcelas do auxilio emergencial no valor de 600 acuê e destinei uma delas para pagar um endócrino particular e os exames que ele pediu. Marquei uma consulta com uma medica endocrinologista, que não teve sucesso pois ela não trabalhava com terapia hormonal para pessoas trans, que me passou o contato de um médico especialista no assunto. Fui na consulta, fiz meus exames, peguei minha receita e comprei meus hormônios (receita que não precisei, pois comprei meus hormônios na internet sem dificuldade). A partir daí, comecei a tomar por dia 50mg de acetato de ciproterona para bloquear a testosterona, e 4mg de valerato de estradiol para aumentar meus “hormônios

---

<sup>13</sup> Homem cisgênero heterossexual que liga para sua higiene e aparência.

<sup>14</sup> Site de pesquisa

femininos”. Com um mês, meus peitos começaram a doer, inicialmente apareceu uma “pedrinha” no peito direito, lembro que mandei uma mensagem para Ayira<sup>15</sup> perguntando se aquilo era normal, estava com medo de ser câncer de mama (quando lembro disso começo a rir). Ela apenas me disse que era normal, que aquela pedrinha ia aparecer no outro peito também, e que em poucos meses, se tornariam os meus seios. Após isso, minha aureolas começaram a ficar maiores, e meus peitos começaram a ganhar formato. Nunca cresceram muito, mas só de estarem ali, já me deixava satisfeita.

Meus pelos começaram a diminuir com o tempo, ficando mais finos espaçados. A distribuição da minha gordura corporal também foi mudando, fui ganhando uma cinturinha, minha bunda foi e minhas coxas foram aumentando também. Me olhar no espelho começou a se tornar um vício, eu amava (e ainda amo) ficar me admirando. Aquele espelho que por muito tempo eu fugi, hoje me prendia.

OBRIGADA ACETATO DE CIPROTERONA! OBRIGADA VALERATO DE ESTRADIOL!

Finalmente eu estava gostando da minha imagem, tudo parecia estar no lugar certo, gostava da minha bunda, das minhas pernas, da minha cintura, da minha pele lisa e macia. Estava tão feliz, e cada dia mais triste também.

Aos 20 descobri a depressão e ansiedade, e aos 22 descobri a TPM. De repente eu comecei a acordar muito triste, sem disposição para nada, a falta de ânimo chegava a me assustar, achava que só estava depressiva e ansiosa, mas com o tempo fui percebendo que não passavam dos efeitos colaterais dos hormônios. Durante alguns dias no mês eu ficava nesse estado, depressiva, chorona, ansiosa e com tesão. Se alguma travesti que se hormoniza estiver lendo essa carta, recomendo com todas as minhas forças que procurem um profissional da psicologia se puderem. Muito se fala sobre as transformações físicas que os hormônios podem trazer, e pouco sobre a saúde mental de corpos transfemininas que se hormonizam. Minha corpa mudou muito, por fora e por dentro. Era como se antes dos hormônios minha corpa funcionasse com um tipo de combustível, e depois dos hormônios, parece que esse combustível mudou. Eu choro quase TODO DIA, as vezes com um comercial de ração de cachorro.

Por muitas vezes me sinto frustrada, por que quando finalmente tenho a corpa que sempre sonhei, estou muito triste para aproveitá-la. Vocês me colocaram lá em cima, para

---

<sup>15</sup> Minha mãe travesti

depois me jogar lá pra baixo. Me sinto uma refém, tenho medo de parar com os hormônios e minha corpa voltar a ser o que era. Não que seja impossível viver com vocês, mas NÃO É FÁCIL, É DIFÍCIL PRA CARALHO. Dificuldade que ainda estou aprendendo a conviver e sei que tenho a vida toda pela frente para descobrir. Não preciso estar 100% feliz agora, só preciso seguir em frente.

Com amor, Lis.

### 3.2 Cabelo

Querido cabelo, por muito tempo você não teve a chance de florescer. Minha mãe me contou que quando eu era bem pequenininha, usava meu cabelo cacheado, mas com uns 2 anos, ela e meu pai começaram a me levar em uma barbearia para cortar curtinho com uma máquina de cortar cabelo. Usava sempre o mesmo corte, usavam o pente número dois da máquina dos lados, e número três em cima. Saia com de lá com o cabelo tão curto, que mal dava para pentear.

Sempre antes de entrar no banho, pegava a minha toalha, colocava na cabeça e ficava me admirando no espelho, fingindo ter um cabelo grande. Sempre quis ter o cabelo grande e odiava as idas mensais ao barbeiro. As vezes conseguia ficar 2 ou 3 meses sem cortar o cabelo, ficava enrolando para ir. Mas meu pai sempre me levava, afinal, um “menino” não pode ficar com o cabelo grande e desarrumado. Meu cabelo sempre foi cacheado, mas nem eu mesma sabia como ela era, nunca o tinha visto crescer.

Aos 16 anos, deixei meu cabelo crescer. Nessa idade, já tinha conquistado um pouco de autonomia sobre minha corpa, e graças a minha vizinha Larissa, fui conhecendo vocês, meus cachinhos. Larissa é uma mulher negra que alisava o cabelo desde a sua infância, na época ela devia ter uns 18 anos. Ao passar pela rua, vi que ela tinha cortado o cabelo que era abaixo no ombro, super curto, o cabelo dela devia ter uns dois ou três dedos no máximo. Estávamos com o cabelo do mesmo tamanho, perguntei a ela o porquê ela tinha decidido cortar o cabelo, e ela respondeu: “Eu sempre alisei meu cabelo, mas hoje em dia não quero mais, decidi aceitar o meu cabelo natural. O seu cabelo também é cacheado né? Por quê não deixa crescer também?” E a partir daquele momento, deixei o cabelo crescer.

Cuidar de você se tornou o meu vício, naquela época, em 2014, você não encontrava com facilidade produtos para cabelos cacheados e crespos com facilidade no mercado, então eu e Larissa estávamos sempre trocando informações de onde podíamos comprar nossos cremes pelos melhores preços. Você foi crescendo, crescendo, crescendo, até chegar no meu ombro.

Escutava muito frases como: “Cortar logo esse cabelo, fica tendo trabalho para cuidar, você é homem, não precisa disso!”.

Hoje você está passando um pouco do meu ombro, desde 2014 foram alguns cortes, franjinha, uma mecha loira e vários penteados. Uma boa *femme queen* sabe usar o seu cabelo. Minha relação com você foi mudando, quando comecei a dançar, te jogava para trás, para os lados, girava, chacoalhava, e tudo que fosse possível dentro de uma dança. CABELO É O MANTO DE UMA TRAVESTI. Obrigada por todas as danças, ansiosa pelas próximas mudanças.

Com amor, Lis.

### 3.3 Face

Escrevo essa carta para a categoria face, uma categoria que mudou completamente a relação que tenho com o meu rosto. Começo agradecendo a essa categoria por existir, pois me lembrou o quanto sou linda, radiante, caruda<sup>16</sup>, simpática, sedutora, dentre tantas outras coisas. Para falar a verdade, eu sempre me achei bonita, o CISTema me fez acreditar ao contrário. Na categoria Face, a pessoa que compete precisa exaltar os atributos de seu rosto a partir de gestos e movimentos que demonstrem confiança. (Oliveira, P.79, 2023) Face foi a primeira categoria a existir na cultura *ballroom*, já tendo registros de uma premiação no valor de US\$ 10,000 dólares nos Estados Unidos. O início da Cultura Ballroom era constituído por Categorias de Estética, ou seja, as categorias de dança vieram anos depois a fazer parte da programação de uma Ball. (Junior, p. 10, 2019)

Quando era criança, costumava ficar me admirando espelho, trancada no banheiro com uma toalha na cabeça que fingia ser meu cabelo. Lembro que ficava por uns 5 – 10 minutos em transe, fazendo diferentes expressões, pensava: “Poxa, eu sou muito linda, será que só eu vejo isso?” Meus pais sempre falavam que eu tinha um rosto lindo, porém na escola eu era a criança nerd, gorda e afeminada que sofria bullying. Ao chegar na adolescência, comecei a ser vista enquanto uma pessoa bonita, mas ainda assim eu não me achava 100% bela. Sempre tive a mania de ficar me admirando no espelho antes de tomar banho, porém alguma coisa ali me incomodava. Após a minha transição, eu entendi o que era, meu chuchu. Antes de me entender travesti, aqueles pelos no meu rosto não chegavam a me incomodar tanto, as pessoas elogiavam

---

<sup>16</sup> Que faz carão, uma expressão séria.

bastante, mas quando me entendo enquanto uma corpa transfeminina, foi o que mais passei a odiar no meu rosto. Queria um rosto liso, sem pelos e “feminino”.

Quando eu ia para uma *ball* ficava bastante contente, pois era dia de tirar meu chuchu, passar maquiagem, e por algumas horas eu ficaria linda e livre do meu chuchu. Em dias de *ball* me achava linda como nunca, e as pessoas não paravam de elogiar meu rosto, sempre dizendo que eu era uma travesti BEEEEEEEEEEELÍSSIMA. Comecei a pensar: “Se falam que eu sou tão linda assim, então vou caminhar em face, e os jurados vão me dizer se sou boa”. E fui, *ball* atrás de *ball* eu ia competindo em face, ganhei alguns *grand prizes* que elevou ainda mais minha autoestima. Agora eu não era só conhecida como a Lis que era boa na dança e que arrasava no vogue *femme*, eu era também a *Princess* Lis Benvenutty, conhecida por sua face.

Hoje em dia, depois de 15 sessões de depilação a laser no meu rosto, estou conseguindo me livrar do chuchu. Agradeço a categoria face por me lembrando o quão linda sou, pois nos dias que acordava com chuchu no rosto e estava com a pele sensível demais para me depilar, ou só sem paciência mesmo, eu me recordava dos momentos em que caminhei na categoria face, das pessoas comentando nas *balls* como sou linda, dos *grand prizes* que ganhei, e simplesmente saía de casa, para mais um dia.

Com amor, Lis.

### 3.4 Afeto TRANScentrado

Charles, desde que você chegou, tem movimentado um mar de emoções dentro de mim. AFETO passou a ter um novo significado, assim como CUIDADO, TOQUE, COMPANHEIRISMO, e principalmente, AMOR. Você se tornou o grande amor da minha vida até então, meu primeiro namorado. Eu chorei na sua frente dois dias depois de ter te conhecido, tinha acordado sensível por conta dos hormônios, chorei por que naquele momento, deitados na minha cama, percebi o quanto gosto de você. Foi um choro de felicidade, misturado com ~~medo~~, ~~medo~~ de te perder.

Nosso amor vem me TRANScorando, todo dia um pouquinho. Ser vista e tocada com tanto carinho, fazem que com me perceba de outra forma. Nunca gostei de ser tocada no rosto, por conta do chuchu, ser tocada no rosto me lembrava constantemente dos pelos que ainda estou lutando para me livrar. Você sempre gostou de fazer carinho no meu rosto, e com o tempo, fui aceitando esse gesto. De início, esses carinhos me incomodavam, então ia tirando sua mão do meu rosto disfarçadamente, quando falei do meu desconforto, você disse que entendia e que meu chuchu nunca foi algo que te incomodou. O laço que estou desenvolvendo com você, é

algo que só nós podemos construir, é a magia de TRANScentrar. Te amo, que nosso relacionamento seja leve, como eu te levo comigo, e que seja eterno enquanto dure.

Com amor, Lis.

### 3.5 Ayira e Gabi

Ser uma travesti é entender que nossa família é quem nos enxerga como somos, são as pessoas que me escolheram e me amam do jeito que eu sou, independente de laços sanguíneos. Quando me assumi uma travesti para os meus pais biológicos eu disse que eles poderiam amar a sua filha, ou então perderiam uma filha. Felizmente meus pais escolheram me amar, me entender, e hoje ambos tem muito orgulho de sua filha travesti, sou muito grata pela família que tenho, sei que não é a realidade da maioria das travestis por aí.

Com a Casa das Benvenutty foi diferente, sempre pude ser eu mesma ao lado dessa família. No processo de me entender uma travesti, fui me aproximando de Ayira e Gabi, que futuramente se tornariam minhas mães dentro da cultura *ballroom*<sup>17</sup>.

Essa estrutura de parentesco crítica e revisa radicalmente as noções brancas de casa, família e comunidade. As Casas são como que santuários diaspóricos para aquelas pessoas que foram rejeitadas por suas famílias de sangue, religiões e instituições comunitárias, oferecendo um lugar de acolhida e suporte para que se possa viver coletivamente em meio a cultura *queer* negra. Não são necessariamente estruturas físicas, mas simbólicas, e são lideradas por *Mothers* e *Fathers*. Essas figuras fornecem cuidado e amor para as crianças das Casas, que se tornam irmãs e irmãos entre si. Com um pouco mais de tempo, conhecimento e engajamento nas atividades da Casa, as crianças podem se tornar *Princes* ou *Princesses*, também figuras de liderança, mas ainda abaixo das mães e pais. A hierarquia na estrutura de parentesco da cultura do *ballroom* também distribui funções de trabalho, uma vez que *Mother* e *Father* têm um dever pedagógico de ensinar o que sabem às suas filhas e seus filhos, além de ensinarem a malícia das ruas e estratégias de sobrevivência no mundo normativo heterossexual branco. É uma função que exige comprometimento e compartilhamento de saberes. E o poder que se tem é adquirido através de anos de trabalho pela cena e aquisição de experiência. (Pereira, 2020, p. 78)

Ayira e Gabi são duas travestis pretas, mães da Casa Das Benvenutty, a segunda casa que surgiu dentro da cultura *ballroom* paraibana, ambas também estudavam na UFPB, Ayira cursava ciências sociais e Gabi serviço social. Eu costumava ficar observando-as de longe, admirando sua beleza e coragem de serem quem são. Já tinha conhecido Ayira brevemente em 2017 e desde então, acompanhava sua vida por meio das redes sociais. Em um dia, no começo de 2020, quando estava muito confusa se era uma travesti ou não, mandei uma mensagem para Ayira no *instagram*<sup>18</sup>, apenas desabafando sobre quão perdida e insegura eu estava na época.

<sup>17</sup> Movimento artístico/político que surge por volta de 1960 em Nova Iorque, criado e fomentado principalmente por pessoas trans, pretas e latinas.

<sup>18</sup> Rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos.

Ela leu a mensagem, e então me respondeu, disse algumas palavras gentis e uns dias depois, enquanto eu estava sentada no restaurante universitário, sentou do meu lado e começou a conversar. Conversamos sobre nossas inseguranças, os processos que estávamos passando na época, e como uma mãe, ela me lançou um olhar doce e um sorriso amoroso. Ayira sempre foi uma mãozona para mim, minha mãezinha, como eu a chamo. Sempre que estou triste, seu olhar e sorriso me confortam até hoje, seu abraço é verdadeiro e confortável, como abraço de mãe deve ser. Te amo Ayira, obrigada por estar comigo nessa jornada louca que é a vida, você é uma puta travesti, uma puta mãe, uma puta pesquisadora e uma puta na vida. Irada, Ira da Benvenutty, umas das minhas maiores referencias de travestilidade.

Eu e Gabi sempre conversávamos durante as rolês nos fins de semana, e ela sempre foi gentil comigo, como se soubesse pelo que eu estava passando. Eu sempre achei Gabi forte, coragem de mãe leoa, e ao longo do tempo a pude presenciar em momentos tão frágeis, desabafos dividindo uma cama na pandemia que me tocam até hoje. Foi em 13 de março de 2020, na *ball* da GeraNúa<sup>19</sup>, um pouco antes de pandemia da Covid 19 começar, que Gabi me convidou para participar da Casa Das Benvenutty. Ia acontecer a primeira ball da Paraíba, que teve como jurades Bixarte 007 (na época Baixa Costura), Father Fanalis Carlota (na época Father Fanalis Valentino), Pioneer/Traibailer Yagaga Kengaral, PC Avanlanx e Mother Analu Juicy Culture (na época Analu 007). Algumas movimentações já haviam acontecido anteriormente a essa data, provocadas pela Casa Da Baixa Costura, fundada pela *Founding Mother* Adorot Baixíssima, casa de que Gabi e Ayira já foram filhas, e com a vontade de movimentar a cena *ballroom* paraibana, fundaram a Casa das Benvenutty. Nessa *ball* fui anunciada filha de Ayira e Gabi, e a partir dali fomos fundando um vínculo que vou carregar para sempre. Desde aquele dia trago comigo duas travestis incríveis, que olharam para mim e viram potencial na minha travestilidade. Foram muitas conversas sobre hormônios, Perlutan, Climene, Missigina, Diane, Evra, Oestrogel. Aspirolactona ou Acetato de Ciproterona para bloquear a testosterona? Como se livrar do chuchu? Na pinça ou no laser? Quanto custava uma depilação a laser no rosto? Dava para parcelar? Onde comprar sapato tamanho 40? Será que nossos peitos iam crescer muito? Qual hormônio fazia o peito crescer?

Eu demorei uns meses para começar a me hormonizar depois que me entendi travesti, os hormônios me seduziam, mas me assustavam ao mesmo tempo. Será que eu queria mesmo? Em agosto de 2020, iniciei minha terapia hormonal, desde lá são 4 miligramas de valerato de

---

<sup>19</sup> Festa que tinha por objetivo criar um espaço seguro e de acolhimento para corpos de racializadas, dissidentes de gênero e sexualidade.

estradiol e 50 miligramas de acetato de ciproterona por dia. Aos 20 descobri a depressão e ansiedade, e aos 22 conheci a TPM. De repente eu comecei a acordar muito triste, sem disposição para nada, minha falta de ânimo chegava a me assustar, e com o tempo fui percebendo que não passavam dos efeitos colaterais dos hormônios. Durante uns 2 ou 3 dias no mês (as vezes duas, três vezes por mês) eu ficava nesse estado, triste, chorona, ansiosa e com tesão. Gabi sempre tomou os mesmos hormônios que eu, é igualmente emotiva e chorona. Te amo Gabi, obrigada por dividir comigo o quão difícil é viver nesse CISTema, todas as travestifobias e inseguranças, que muitas vezes eram as minhas também.

Após entrar para a Casa das Benvenutty, fui me sentindo cada vez mais uma *FEMME QUEEN*. Se fora das *balls*, as travestis e mulheres trans são empurradas para a beira de uma pirâmide, dentro das *balls* essa pirâmide é ao contrário. Na cultura *ballroom*, as *femme queens* ocupam o topo dessa pirâmide. Cada vez que eu pisava numa *ball*, me sentia mais viva, mais poderosa, mais feminina. Ouvir as pessoas gritando: BE – BE – BE – BE – BE ... BENVENUTTY! Me deixava eufórica. Na *ball*, dentro daquele círculo de pessoas, é onde mais me sinto realizada.

Além de tudo isso, pude enxergar na Cultura de *Ballroom* um espaço de criação de novas estéticas de existência, corpos que redesenhavam o que era feminino e masculino, em cena e no dia a dia. Corpos transfemininas jovens, sem procedimentos estéticos, e muitas delas nem faziam o uso de hormônios. As *femme queens* da Cultura *Ballroom* de João Pessoa me mostraram e reafirmaram o que eu sempre procurei enquanto uma corpa travesti. Por muito tempo me preocupei com um certo padrão do que era uma corpa feminina, me olhava no espelho e me sentia insegura. Os hormônios e bloqueadores de testosterona me ajudaram a me sentir mais confortável comigo mesma, modificaram meu corpo e diminuíram minhas inseguranças. Apesar desses investimentos, eu ainda me olhava no espelho e me irritava, pois estava longe de ser uma travesti passável. Ao ter contato com as *femme queens*, pude questionar e começar a destruir os padrões binários que estavam impregnados em mim. Eu tenho pelos no rosto e no corpo, minha cintura não é tão marcada, meus seios não cresceram muito, estou longe da passabilidade, e isso não me incomoda mais, ou pelo menos não me incomoda tanto. Eu não quero passar numa rua e ser confundida com uma mulher cis, eu quero que as pessoas vejam que sou uma travesti. Leal e Rosa (2020) nos falam como corpos trans não passáveis tem a capacidade de (re)educar as pessoas a sua volta.

A poética cênica de ser trans tem potencial de redimensionar as perspectivas hegemônicas reincidentes em uma sociedade na qual a performance cisgênera é

naturalizada e os processos sociais e subjetivos das transgeneridades se reduzem à modificação corporal. (Leal; Rosa, 2020, p. 12)

As *balls* são palcos, e nesses palcos as *femme queens* comunicam em cena novas possibilidades de existência, novas estéticas e configurações corporais. Para ser uma travesti eu não preciso me adequar a nenhum padrão estético pautado em moldes cisgêneros e binários, eu só preciso ser eu mesma, pois minha essência é feminina, eu sou travesti independente de qualquer coisa, e foi com as vocês duas e as *femme queens* da cena *ballrom* de João Pessoa que eu pude entender e internalizar isso. Ao dançar *vogue femme*, tudo isso fica mais potente em mim, ao caminhar em uma categoria de *voguing* deixo todas as minhas inseguranças de lado, pois ali sou feminina na minha mais genuína forma, enquanto sou aplaudida pela minha performance, aplaudida por ser uma *FEMME QUEEN*

Com amor, Lis.

## 2.6 Pandora

Oi filha, queria começar te agradecendo por ter me tornado sua mãe, tem sido uma experiência TRANSformadora, TE AMO MUITO. Foi uma gestação longa, mas cuidadosa, onde fomos construindo um vínculo que para mim é sagrado, pois foi forjado de nossas corpos travecas. Foram inúmeras madrugadas compartilhando sentimentos, segredos, vontades, inseguranças, medos, expectativas e muitas risadas. Como uma caixa de Pandora, você se abriu para mim e me mostrou o seu mundo.

Ao me entender uma pessoa trans, primeiro me “assumi” como uma pessoa trans não-binária, acho que tinha medo de me “assumir” travesti. Na época, tinha uma leitura muito binária das coisas, acabava colocando mulheres trans e travestis na mesma caixinha. Eu cresci escutando indagações como: “Qual a diferença entre mulher trans e travesti?” “A travesti tira o pinto, a trans deixa” “Acho que não existe diferença entre mulher trans e travesti, é tudo a mesma coisa.” Ao entender que eu não era um homem cis, e também não me identificava enquanto uma mulher, achei que me entendia enquanto uma corpa não-binária, era o caminho mais lógico a seguir. Ao entender mais sobre travestilidade, pude ir (re)descobrir minha mulheridade.

No início da minha transição, sempre que ia me apresentar em algum lugar, eu falava: “Sou Lis, uma mulher trans/ travesti”. Eu já conhecia a travesti que eu era, porém como vivemos nesse CISTema TRAVESTIFÓBICO, eu sabia que ao falar primeiro mulher trans, as pessoas iam entender que sou uma identidade transfeminina. É bastante comum tratarem travestis no

masculino, a cisgeneridade costuma confundir travesti com travestir-se. TRAVESTI NÃO É VERBO, É SUBSTANTIVO, IDENTIDADE.

Nossos corpos se materializam em formas diversas de feminilidades – não há essa pretensa natureza feminina que nos define, como entendem as feministas radicais. Se esbocei, de forma breve, algumas ideias que nos permitem entender como o conceito de gênero foi gestado, é para que possamos concluir que, para o feminismo, para o transfeminismo, ser radical é recusar universalidades rasas que limitam nossas trajetórias de opressão. Há diferentes modos de viver as mulheridades e as feminilidades; são muitas as possibilidades de se performar gêneros. (Nascimento, 2021, p.41)

É engraçado que sempre que falava MULHER trans antes de travesti, me sentia uma farsa. Era como se estivesse me traindo, entendia as diferenças entre as duas identidades, mas sabia que as pessoas não compreendiam. Após algum tempo, fui fazendo as pessoas entenderem, se me elogiavam dizendo que eu era uma mulher linda, respondia: “Obrigada, sou uma TRAVESTI belíssima”. Sempre enfatizando a palavra travesti, enchendo a boca para falar.

Quando pensei que já entendia muito sobre binaridade/não-binaridade, você chegou. Ter uma filha não-binária me fez perceber que sabia tão pouco, conviver contigo me TRANSformou, e sou bastante grata por isso.

Com amor, Lis.

### **3.7 Travestifobia na Universidade**

Quando eu decidi tornar a dança o meu trabalho, não sei bem o que me esperava, para ser sincera, eu só sabia que ela tinha despertado algo em mim, algo que eu precisava continuar movimentando. Aos 19 anos de idade, quando entro para o curso de licenciatura em dança da Universidade Federal da Paraíba, fiquei bastante orgulhosa de mim, achei que naquele espaço, rodeada de artistas e professores de dança, fosse me descobrir cada vez mais, afinal de contas, estava cursando algo que eu amava. Mas quanto mais tempo eu passava ali dentro, mais ia me sentindo perdida e ficava me perguntando: “O que minha corpa faz aqui dentro? O que dançar significava para mim?” Eu me esforçava para ser boa, me enfiava em cada aula e curso gratuito que conseguia, pois naquela época, mal tinha dinheiro para locomoção. Acreditava que se eu alcançasse determinada resistência e flexibilidade, me sentiria realizada. Muito se fala em como a dança pode ser libertadora, quando comecei a fazer aulas de dança contemporânea, por exemplo, o que mais ouvia era como a dança contemporânea desconstrói padrões, mas por que eu sempre tinha que vestir uma calça e/ou bermuda, enquanto as mapôs usavam saias e/ou vestidos? Se enquanto dançávamos éramos “todos iguais”, por que os figurinos continuavam reforçando uma lógica binária? Os padrões binários que encontrava incorporados no mundo da

dança, não me ajudavam muito. Quando foi que a dança passou de libertadora, para me aprisionar?

No curso de licenciatura em dança me deparei com mais padrões corporais, por mais “desconstruídas” que fossem as pessoas dentro daquele departamento, sempre percebia as mesmas construções de corpos, corpos cisgêneros. Do que adiantava falar sobre dança e memória, corpo e movimento, se no final, era tudo sempre igual? Lembro de uma prova prática onde estava performando junto com mais três mapôs, e ao final da apresentação a professora responsável pela disciplina, falou que o que via em cena, eram quatro corpos femininos dançando. Lembro que naquele momento, foi uma das poucas vezes que me senti vista dentro daquele espaço.

Ao me entender uma travesti, pude perceber todas as travestifobias incorporadas no Departamento de Artes Cênicas da UFPB. Uma das primeiras foi o medo que senti ao usar o banheiro feminino no início da minha transição, os olhares lançados pelas mulheres cis me causavam desconforto. Uma colega de turma já havia me dito uma vez que sentia medo ao usar o mesmo banheiro que travestis e mulheres trans. As palavras que ela usou foram mais ou menos assim: “As mulheres trans e travestis só falam sobre sexo, neca, não tem respeito por outras mulheres. Fora que podem deixar o banheiro todo sujo ao fazer xixi em pé.” Essas palavras ficaram em mim, não foi a primeira nem última vez que ouvi algo do tipo.

Ao adotar Lis como nome social no início da minha transição em 2020, senti grande dificuldade de alguns professores, alunos e equipe técnica de se adaptar ao meu novo nome e pronome. Ficava irritava, pois as pessoas que circulavam naquele espaço se diziam artistas desconstruídos, sinceramente, DESCONSTRUÍDO É MEU OVO. Por inúmeras vezes tive que corrigir o meu nome e pronome dentro daquele departamento. No ano de 2023, pixaram nas paredes as frases NÃO SEJAM TRANSFÓBICOS e NÃO COMPACTUEM COM PRÁTICAS RASCISTAS, causando grande preocupação em alguns professores, pois segundo eles, desde que os cursos de dança e teatro foram criados, nenhum caso de racismo ou transfobia havia sido relatado. Deixo aqui uma indagação: É preciso o racismo e transfobia serem denunciados para existirem dentro da universidade? Estou aqui expondo travestifobias que passei nos últimos anos e não tive coragem de compartilha-las com ninguém ali dentro, pois a grande maioria dos estudantes e todos os professores são pessoas cisgêneras.

Antes de poder contar com a minha orientadora, Whander, que é uma Byxatravesty, tive outra orientadora, uma mapô. O meu trabalho fala sobre travestilidade, tem a palavra

TRAVESTI em várias partes do meu texto, porém durante os encontros de orientação, varias vezes era chamada de mulher trans. Escutei que devia parar de me vitimizar, que a vida era difícil para todo mundo. Respondi que sim, sabia que a vida é difícil, que se é difícil para mim, uma travesti branca que teve acessos e pôde frequentar uma universidade, para as minhas irmãs travestis pretas que precisam prostituir suas corpos para ter um lugar onde morar e o que comer, está bem mais difícil.

Por muitas vezes me senti culpada e burra por demorar mais de 6 anos para me formar, estou escrevendo esse TCC a quase dois anos. Durante uma conversa com minha orientadora, ela me questionou: “Você já se perguntou o porquê de não ter se formado até agora?” Fiquei com essa pergunta na cabeça durante o dia todo, e ao dormir, me dei conta do porquê. Pensei nas minhas irmãs travestis que também não se formaram ainda, travestis que foram expulsas de casa ou tiveram que sair de suas casas por não se sentirem bem convivendo com sua família biológica, travestis que por várias vezes tinham apenas um auxílio moradia de 600 acúe para passar o mês, como eu. Fora todos os surtos que os hormônios nos causam e as travestifobias do dia-a-dia que acontecem fora e dentro da universidade. Será que somos todas burras e incapazes? Ou será que estamos todas lutando contra um CISTema travestifóbico?

Com ódio, Lis.

## 4 Capítulo 3

### 4.1 Professora Travesti

Oi Lis, soube que conseguiu concluir a sua graduação e arrumou um emprego como professora em uma escola, PARABÉNS POR ISSO. Sei o quanto foi difícil, inúmeras vezes duvidamos de nós mesmas, fomos no fundo do poço e voltamos mais fortes. Ainda frágeis e emotivas, mas agora nós sabemos que podemos fazer TUDO que quisermos. Ser professora não era bem o nosso sonho, quando erámos crianças nem conseguíamos imaginar o que iríamos fazer, acho que só queríamos ter a chance de sermos quem somos primeiramente, para então saber o que fazer com nossa corpa.

Gênero, inclusive, era uma palavra que eu desconhecia, mas a *prática de gênero* sempre esteve presente, sobretudo por meio da pergunta “é menino ou menina?”. Advinda de algum adulto ou mesmo de outras crianças, a pergunta “é menino ou menina?”, ao invés de determinar os limites da minha expressão de gênero, abriu possibilidades de transgressão das normas. No interior de minha subjetividade, é possível que eu tenha passado a entender que, se alguém estava me perguntando se eu era menino ou menina, seria porque talvez ser menino ou menina não fosse um fato, uma certeza imutável da espécie. (Pereira, 2020, p.66)

A nossa matéria predileta na escola sempre foi arte, teve um ano em que acabamos com nosso caderno de desenho antes do ano letivo terminar, de tanto que desenhávamos nas aulas.

Então, parando para pensar um pouco, não é nenhuma surpresa você ter se tornado uma professora de dança.

Quando decidimos cursar licenciatura em dança, focamos mais na parte da “dança” do que na “licenciatura”. Só queríamos dançar, explorar nossa corpa que tínhamos acabado de descobrir. Quando o curso foi se aproximando do fim, que nos vimos morrendo de medo dos estágios obrigatórios. Nossa primeira experiência dando aula foi durante o programa de Residência Pedagógica<sup>20</sup> em 2020. Era pandemia, e as aulas aconteceram de forma virtual, passamos 18 meses nesse programa sem ter a chance de pisar numa sala de aula. Por um lado eu agradecia, tínhamos começado a transição a pouco tempo, a reação dos alunos a nossa corpa me assustava. Por trás de uma tela me sentia mais protegida, porém passava horas dando aula para perfis sem foto que quase nunca falavam e abriam as câmeras. Inúmeras vezes desejamos desistir, mas dependíamos da bolsa de R\$ 400,00 reais na época para pagar as contas. Íamos dispensar os estágios obrigatórios, porém, acabadas de depressão e ansiedade não conseguimos entregar o relatório final a tempo.

Não tinha outra opção, para conseguirmos nos formar teríamos que passar pelos estágios obrigatórios. Confesso que fiquei chateada, porém finalmente iria ter a chance de ocupar uma sala de aula presencialmente e ser uma professora TRAVESTI. Me enche de orgulho saber que você se tornou a professora que precisávamos ter quando crianças, alguém que olhasse para nossa corpa e nos acolhesse, ao invés de nos repreender.

Observávamos professoras e professores da pré-escola, o modo como eles nos dividiam em grupos de meninos e meninas. Era comum que as escolas cumprissem o papel de *generificar* as crianças de acordo com padrões normativos que alinham sexo, gênero e desejo sexual. As brincadeiras eram divididas por cores e conteúdo. Rosa para meninas, azul para meninos. Passividade e docilidade para meninas, atividade e agressividade para meninos. Em termos práticos, as meninas brincavam de boneca e “casinha”, treinando desde cedo o futuro que as esperava – cuidar de crianças e cozinhar para a família. (Pereira, 2020, p. 66, 67)

Não gostávamos de nos movimentar na escola, ficar sentada numa cadeira olhando para um quadro anotando tudo era mais seguro, pois tudo era dividido de forma binária. No recreio, não éramos aceitas pelos meninos nos jogos de futebol, e quando decidíamos jogar queimada com as meninas, virávamos motivo de chacota. QUAL ESPAÇO DE EXPERIMENTAÇÃO CORPORAL CRIANÇAS LGBTQIA+ TEM NA ESCOLA? Para nós, o que deveria ser um

---

<sup>20</sup> O Programa Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo proporcionar o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, proporcionando a imersão em uma escola de educação básica. Essa imersão deve contemplar atividades como regência de sala de aula e intervenção pedagógica, acompanhadas por um professor da escola com experiência na área de ensino do licenciando e orientada por um docente da sua Instituição Formadora.

espaço de aprendizagem, funcionava mais como um curso de como se tornar menino/menina. O preço dessa normatização da cisheterossexualidade não raro desencadearia o terror, a opressão e mesmo a morte, dado que a depressão, a exclusão e a violência rondam qualquer manifestação do desvio nas sociedades ocidentais. (Pereira, p 75, 2020)

Lembro bem da primeira aula que demos quando pisamos numa sala de aula. Naquela altura, nos sentíamos bem mais confiantes em comparação a época da residência pedagógica. Assim que entramos na sala, nos apresentamos, falamos nosso nome, pronome e identidade de gênero. TRAVESTI. Era uma escola de ensino médio, não lembro bem o ano da turma especificamente. Após nos apresentarmos, pedimos para que os alunos falassem seus nomes e pronomes. Várias caras de surpresa surgiram por toda a sala, e um aluno perguntou: “Por que você quer saber nossos pronomes?” Respondemos que gênero pode ser subjetivo, não dava para saber simplesmente olhando para a cara de alguém. Alguns responderam Ele/Dele, outras Ela/Dela e alguns eu tive que reforçar o que seriam pronomes, pois responderam seus sobrenomes ao invés dos pronomes. Foi um pequeno movimento, apenas uma apresentação, mas para nós foi algo gigantesco. Eu queria que alguém tivesse me perguntando se eu preferiria pronomes femininos, masculinos ou neutros, de forma sincera, sem ser aquela velha piada “É menino ou menina?”. Nosso primeiro estágio obrigatório aconteceu com turmas de ensino médio porquê nos sentimos mais confiantes ao encarar adolescentes e ficamos surpresas como bastante coisa mudou desde nossa adolescência. Nos deparamos com vários adolescentes que já sabiam o que era sexualidade, identidade de gênero, pessoas trans, travestis e não-binárias. Já dar aula para crianças do fundamental I ainda nos assustava, nos perguntávamos: “Como uma criança vai reagir a uma corpa travesti?”.

Nosso primeiro contato com crianças do ensino fundamental I foi a partir do Programa de Licenciatura - PROLICEN<sup>21</sup>, onde tivemos a oportunidade de dar aula junto da nossa filha Pandora, para turmas do 2º, 3º e 4º anos. Assim que entramos na primeira sala de aula da Escola Municipal Ativa Integral (EMAI) Augusto dos Anjos, os alunos ficaram PASSADOS. Uma travesti e uma não-binária juntas. Perguntas como: “Você é homem ou mulher?” “É para chamar de tio ou tia?” “Tia, você tem barba?”. E para nossa surpresa, não foi tão difícil para as

---

<sup>21</sup> Programa de apoio para Cursos de Licenciatura da UFPB. O PROLICEN tem o objetivo de melhorar a formação inicial nos cursos de licenciatura, bem como a formação continuada nas escolas públicas do Estado da Paraíba, levando os alunos dos cursos de licenciatura para sala de aula. Durante o programa, os estudantes da graduação passam por um período de observação, para em seguida, pôr em prática o que vem aprendendo em seus cursos.

crianças entenderem e respeitarem nossa corpa. Também não foi fácil, mas com o tempo e a convivência, ganhamos o afeto dos alunos.

Fiquei bastante reflexiva após a experiência do PROLICEN, e lembrei do nosso sobrinho na época em que transicionamos, e como em poucos dias ele já estava nos chamando no feminino, de titia. Após algumas aulas, as crianças da EMAI Augusto dos Anjos sabiam que deveriam nos chamar de tia, e poucas foram as vezes que precisamos corrigi-las. É disso que a cisheterossexualidade tem medo, que suas crianças entendam corpos LGBTQIA+, que saibam que está tudo bem ser “diferente” da norma.

A polícia de gênero vigia o berço dos seres que estão por nascer, para transformá-los em crianças heterossexuais. A norma ronda os corpos meigos. Se você não é heterossexual, é a morte o que te espera. A polícia de gênero exige qualidades diferentes do menino e da menina. Dá forma aos corpos com o objetivo de desenhar órgãos sexuais complementares. Prepara a reprodução da norma, da escola até o Congresso, transformando isso numa questão comercial. (Preciado, 2013, p. 98)

Lis do futuro, eu espero que você esteja aproveitando sua carreira de professora. Imagino que não esteja sendo fácil, mas depois de tudo que passamos, sabemos como somos fortes.

Com amor, Lis.

## 4.2 Vogue Femme

É até difícil explicar o quão importante o *voguing* é para mim, parece que estou sempre descobrindo algo novo e me desafiando, explorando novas aberturas e possíveis caminhos. Hoje em dia o *Vogue Femme* se tornou um dos símbolos mais conhecidos da cultura *ballroom*, mas para que ele existisse, outras técnicas foram criadas anteriormente. Antes do *voguing*, existiu o *posing*, que consistia em batalhas de poses, onde os participantes jogavam *shade* umas para as outras.

*Voguing*, da maneira como ficou conhecido, incorporou à essa atitude de um jogo de uma ofensa corporal através da imitação das poses das modelos presentes na revista *Vogue*, a estética dos movimentos do kung-fu, assim como a inspiração nas poses precisas e angulares dos hieróglifos egípcios. (Santos, 2018, p. 22)

Assim surge a primeira forma de *voguing*, o *Old Way* (velha forma), tendo Willy Ninja, dançarino e coreógrafo norte-americano como um dos principais precursores, sendo conhecido como o padrinho do *voguing*. Posteriormente, surge a nova forma, o *New Way*, acrescentando movimentos de criação de linhas, flexibilidade e contorção de braços e pernas.

E então as *femme queens* foram se lançando na pista de dança, adicionando feminilidade ao *voguing* já criado, desmunhecando as linhas duras, quebrando o quadril e jogando seus cabelos. A dança foi se estruturando e hoje dominou o cenário *mainstream*, possuindo cinco elementos: *catwalk*, *duckwalk*, *floor performance*, *hands performance* e *spins 'n dips*. O *Vogue Femme* é construído por corporalidades trans e travestis, identidades transfemininas que exaltam a feminilidade de suas corpos.

O *catwalk* é um passo utilizado para deslocamento das corpos em cena, podendo ser realizado parado também. Consiste numa caminhada que acontece na ponta dos pés e com os joelhos flexionados, os pés devem ir um na frente do outro ou cruzados. O tronco permanece apontado para a frente, enquanto os quadris apontas para as laterais, sendo uma região que é bastante destacada pelas *femme queens*. Os braços acompanham as pernas em movimentos contralaterais, possuindo inúmeras variações.

O *duckwalk* é um passo realizado no nível médio, onde os joelhos se flexionam e dobram até os calcanhares estiverem próximos ao quadril. Também apresenta movimentos das mãos acompanhando (ou não) as pernas em movimentos contralaterais. Pode ser realizado em movimento ou não.

*Hands performance*, traduzindo para o português significa “performance com as mãos”. Nessa performance, as pessoas podem realizar movimentos circulares, toques ou ondas. *Hands performance* além de ser um elemento do *Vogue Femme*, também se transformou em uma categoria, onde os competidores devem realizar movimentos com as mãos seguindo a batida da música e marcando as suas nuances.

*Floor performance* é um elemento que acontece no chão. Onde você deve jogar toda sua feminilidade em poses e movimentos no chão.

Para finalizar, temos os *spins 'n dips*. Aqui temos basicamente dois elementos em um. Os *spins* são os giros, e o *dip* funciona como o ponto final de sua performance. É comum esses elementos acontecerem juntos, um *spin* seguido de um *dip*. É fundamental acertar o *dip* em sua performance ao caminhar numa categoria de *Vogue Femme*, ao contrário, é CHOP.

Agradeço as minhas ancesTRAVAS por possibilitarem a criação dessa tecnologia tão incrível e potente que é o *Vogue Femme*. Através dessa dança pude (re)descobrir minha corpa e desenhar formas/movimentos que antes me pareciam tão distantes e impossíveis. Desde o momento em que conheci essa dança, me encantei e me encontrei, e hoje ela está me leva a diversos lugares, me apresentando pessoas incríveis e me fazendo viver inúmeras experiências.

### 4.3 Traviarcado

Escrevo essa última carta como uma profecia, imaginando um futuro melhor para mim e para as minhas. Olho ao meu redor e vejo travestis belíssimas trilhando um caminho de prosperidade, afeto e de muita luta que ainda está por vir.

Observo minhas irmãs se tornando professoras, cientistas sociais, psicólogas, arquitetas, cantoras, costureiras, produtoras, atletas, artesãs, assistentes sociais, biólogas e muito mais. TRAVESTI É SINÔNIMO DE EXCELÊNCIA. Estamos cobrando tudo que já foi arrancado de nós, e essa dívida será paga com juros.

Finalizar esse ciclo que é a graduação em dança me lembra de tudo que ainda vou construir pela frente, de todos os desafios e gozos que virão. Por muito tempo me senti estagnada, presa, parada, e então me lembrei que travesti é movimento. Como as águas do rio, fluímos para um mar cheio de esperança e oportunidade.

Agradeço quem me acompanhou até aqui, buscarei honrar cada ajuda e suporte.

Com grande amor, Lis.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho de conclusão de curso termina aqui mas continua pulsando em mim, pois é sobre a minha vida, sobre a vida de uma travesti. Deixo minhas dores, alegrias e conquistas nessas páginas, pesquiso enquanto VIVO, escrevendo uma nova história, não mais aquela história curta e sofrida que o CISTema traçou para pessoas transvestigêneres<sup>22</sup>. Através da minha corpa, quero ocupar as salas de aulas e quebrar os ciclos de violências que ainda perduram sobre a comunidade LGBTAQI+. Meu maior ato de revolta será permanecer VIVA.

Encontrei na cultura *ballroom* tecnologias de sobrevivência, outros meios de estar no mundo. Por muito tempo acreditei que deveria seguir certos padrões, e quando TRANSiciono, encontro mais padrões para me encaixar. Em minhas cartas falo sobre a importância de se ter um espaço seguro, um lugar para se experimentar, errar e acertar. Quando pequena, acreditava que se fosse boazinha e seguisse as regras, seria recompensada. Me esforçava para tirar ótimas notas e ser uma aluna e filha exemplar, porém foi através do erro que pude mudar a minha

---

<sup>22</sup> Pessoas trans e travestis.

realidade. Fracassei desempenhando o papel que me foi dado, decepcionei meus pais e a mim. Quando tive acesso a comunidade de pessoas que formam a cultura *ballroom*, meu entendimento sobre afeto, dança, performance, sexualidade, gênero e muito mais, ganharam novos significados. Me entendi como a travesti que sou, fugindo de moldes binários que diziam que se eu não fosse um homem, então teria que ser no mínimo uma mulher.

Com a cena *ballroom*, em especial com a Casa das Benvenutty, aprendi como o amor pode ser leve e que estar em uma família pode ser difícil, mas não a ponto de me machucar. Tive a oportunidade de refazer meus laços família, e hoje tenho um pai que possui orgulho de sua filha travesti e uma mãe que defende com unhas e dentes pessoas trans a travestis. Através do *vogue femme* pude vivenciar o que há de mais sagrado para uma *femme queen*, a sensação de estar verdadeiramente livre. Quando piso no chão de uma *ball* me conecto com a criança transviada que habita em mim, cujo seu maior sonho era poder bater cabelo enquanto calça um par de salto alto. Às vezes me pego fazendo coisas muito pequenas como me admirar na frente do espelho, amando cada pedacinho de minha corpa, aquele momento acaba virando uma performance e me imagino belíssima caminhando numa categoria de face ou *sexy siren*, por exemplo. VIVO *ballroom* diariamente, seja com minha família biológica ou com as benvenutty, quando saio de casa e vou para universidade, ao entrar numa escola para dar aula, indo comprar o pão, quando preciso ir em um hospital por estar doente e passar por inúmeras travestifobias.

Lis Maria, artista, travesti, pesquisadora, *femme queen*, puta, filha, mãe, irmã, namorada, amiga, inimiga, professora e Princess da Casa das Benvenutty. Não tenho mais medo de me perder, pois sei que tenho a chance de me encontrar novamente, desbravando diferentes versões de mim mesma.

Com amor, Lis.

## REREFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIAS, L.; JESUS, J. G.; CORREIA, P. P.; PIVA, C. B. **Narrativas de bixas e travestis pretas: teorias e a cultura de baile na grande Goiânia**. 2022. Dissertação (Mestrado em PERFORMANCES CULTURAIS) - Universidade Federal de Goiás.
- LEAL, D. ROSA, A. Transgeneridades em performance: desobediências de gênero e anticolonialidades das artes cênicas. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, [S.l.], v.10, n.3, p.1-29, 2020.
- NASCIMENTO, L. C. P. do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- JUNIOR, M. **Corpo Transeunte: oscilação performática mapeando a cena Ballroom brasileira**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.
- PASSOS, M. C. A. dos. **Pedagogias das travestilidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- PEREIRA, A. Entre memórias de infância e crianças legendárias: gênero, raça e sexualidade dos primeiros anos à cena de ballroom & vogue estadunidense. **Rebeh – revista brasileira de estudos da homocultura**, [S.l.], v. 3, n. 9, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/10468>. Acesso em: 18 outubro 2024.
- PRECIADO, B. Quem defende a criança queer? **Revista Jangada**, Viçosa –MG, n. 1 , jan-jun, 2013. ISSN 2317-4722.
- SIZERNANDO, A. **É preciso esquecer que sou uma travesti: sobre afetações trans - do eu-só, ao eu-comunidade**. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal da Paraíba, 2022. 68 p.
- SANTOS, H. C. **A transnacionalização da cultura dos ballrooms**. São Paulo, Campinas, 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- SILVA, W. A. S. Byxagogias Cênicas y Identitárias: tecnologia travesty confeccionada na cultura ballroom – runway y realnees. *In: ENCONTRO DE PESQUISAS EM ANDAMENTO (EPA) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS (PPGAC - UFU)*, 2023, Uberlândia (MG). **Anais[...]**. Uberlândia (MG): UFU, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/epa-ufu-encontro-de-pesquisas-em-andamento-2023-383633/734729-BYXAGOGIAS-CENICAS-Y-IDENTITARIAS--TECNOLOGIA-TRAVESTY-CONFECCIONADA-NA-CULTURA-BALLROOM--RUNWAY-Y-REALNEES>. Acesso em: 05 set. 2024.